ENQUANTO A PEÇA NÃO CHEGA

CONTOS



TOMÁS VILAR

Enquanto a peça não chega

Tomás Vilar

CONTOS INTERLIGADOS

2011

Data na trajetória ficcional do autor

Edição materializada em 2026
Acervo da Margem 37

Nota desta edição

Enquanto a peça não chega integra a bibliografia pregressa ficcional de Tomás Vilar, persona literária criada com ChatGPT. Na trajetória imaginária do autor, esta coletânea é datada de 2011. O texto foi criado e materializado em 2026, a pedido da curadoria, para incorporação ao Acervo da Margem 37.

A data de 2011 pertence à ficção: não indica a existência de uma edição histórica. Os personagens, a oficina e os acontecimentos destes contos são inventados. A oficina não é apresentada como a do pai de Tomás, e seus personagens não constituem um registro da família do autor.

As histórias se passam numa mesma semana. Podem ser lidas separadamente, embora alguns serviços, objetos e pessoas atravessem mais de uma delas.

Sumário

O prazo 5

A diferença 9

Em nome da casa 13

O aparelho de reserva 17

A prateleira de cima 21

A retirada 25

Nota de acervo 29

O prazo

Na segunda-feira, Davi prometeu o rádio para sexta porque sexta parecia bastante longe. O homem do outro lado do balcão não lhe pedira uma garantia. Perguntara apenas se devia voltar naquela semana. Havia uma maneira de responder que não exigia prazo, mas Davi ainda não aprendera a usá-la sem parecer que não trabalhava ali.

— Sexta à tarde — disse.

O homem se chamava Mauro. Tirou do bolso uma agenda pequena e fez uma marca. Davi observou a marca como se ela acrescentasse uma obrigação que sua fala, sozinha, ainda não possuísse.

— O Anselmo conhece esse aparelho?

— Conhece esse tipo.

Era uma diferença razoável. Davi sentiu que havia começado bem.

O rádio ficava ligado na cozinha de Mauro e perdia a estação quando alguém encostava no seletor. A mulher dele, Rosa, pusera um pedaço de papel dobrado junto ao botão. Funcionara durante algum tempo. Mauro trouxe o papel num envelope, junto com o aparelho, caso tivesse utilidade para o diagnóstico.

Davi recebeu tudo. Preencheu a ordem de serviço, destacou a via do cliente e escreveu sexta no canto superior. Sua letra era grande, feita para resistir ao papel carbono já gasto.

Anselmo voltou do fornecedor pouco antes do almoço. Pousou uma sacola no chão, leu o recibo e perguntou quem tinha aberto o rádio.

— Ainda ninguém.

— Então você prometeu o quê?

Davi pensou em responder que prometera olhar. A palavra sexta, azul e perfeitamente legível, impediu-o.

Anselmo não levantou a voz. Abaixou o volume do rádio da oficina, que funcionava bem o bastante para não oferecer solidariedade ao outro.

— Primeiro a gente vê.

Levou o aparelho à bancada. Davi ficou perto, com a pretensão de ajudar e a expectativa de que o defeito fosse pequeno. A segunda coisa o distraía da primeira.

O conjunto junto ao seletor tinha uma peça quebrada. Anselmo mostrou a folga, virou o aparelho para a luz e procurou uma caixa de componentes retirados de outros rádios. Havia dois parecidos. Nenhum servia.

— Tem que encomendar.

— Chega até sexta?

Anselmo olhou para ele. Davi entendeu que repetir o prazo não era uma forma de produzir a peça.

Irene anotou a referência numa folha ao lado do telefone. Fazia os pedidos, recebia clientes, cobrava retiradas e procurava os óculos que Anselmo deixava em lugares incompatíveis com a queixa de que ninguém respeitava sua bancada. Tinha quarenta minutos para almoçar em casa. Naquele dia, gastou doze tentando falar com o fornecedor.

— Ele vai conferir e retornar — disse.

— Já avisa o homem que depende disso — Anselmo falou a Davi.

Davi procurou a ordem de serviço. O número de telefone estava claro. Discou, ouviu chamar e desligou depois de cinco toques. Na linha de observações, escreveu “não atendeu”.

O fornecedor retornou durante o almoço de Irene. Anselmo atendeu com uma mão suja e segurou o fone afastado do rosto.

Havia uma peça, disseram. Seria despachada na quarta. Talvez chegasse na sexta.

— Ótimo — respondeu.

Ao desligar, percebeu que ótimo era uma palavra maior do que o fornecedor usara. Mesmo assim, disse a Davi que provavelmente daria tempo. O rapaz guardou a ficha. Nenhum dos dois voltou a mencionar o telefonema ao cliente.

Na terça, Mauro passou pela oficina. Estava a caminho de outro lugar e não quis interromper o serviço. Disse isso três vezes, interrompendo-o com cuidado.

— Sexta continua?

Anselmo estava com o rádio aberto diante de si. Bastava dizer que dependia da entrega. Disse que a peça já estava pedida.

— Então está bom.

Mauro retirou-se antes que fosse necessário decidir se aquilo era uma resposta à pergunta. Anselmo acompanhou sua saída e voltou à bancada. Davi, do outro lado, fingiu procurar uma chave.

À tarde, Irene encontrou a ficha sem o valor aprovado. Perguntou quanto ficaria o serviço. Anselmo informou uma estimativa e pediu que ela consultasse o cliente.

Mauro atendeu no segundo toque. Aceitou o preço e perguntou se poderia chegar um pouco antes das cinco, porque sexta o ônibus mudava de horário. Irene cobriu o fone.

— Vai estar pronto?

— Se a peça vier.

Ela descobriu o fone e repetiu as palavras, sem melhorá-las.

Houve um silêncio curto. Depois Mauro disse que entendera ser uma data certa. Irene olhou para sexta escrito no papel e não encontrou razão para discutir.

— Foi assim que ficou anotado mesmo.

Prometeu telefonar antes que ele saísse de casa. Ao desligar, acrescentou essa tarefa à ficha. Anselmo disse que não precisava dar tanta importância; o fornecedor costumava entregar no prazo.

— Qual prazo? — ela perguntou.

Ele respondeu quarta, percebeu o erro e corrigiu: sexta. Quarta era o despacho. Irene pôs a ficha num prendedor ao lado do telefone.

Na quinta, Davi varreu sob a bancada e encontrou o envelope de Mauro. Dentro, o papel dobrado preservava o formato que Rosa lhe dera. Colocou-o junto ao rádio. Era uma solução insuficiente, mas alguém a experimentara antes de trazer o aparelho.

Pouco antes de fechar, Anselmo quis saber se havia notícia da encomenda.

— Saiu ontem — Irene disse. — Chegar, ainda não chegou.

Davi ia perguntar se daria tempo. Em vez disso, puxou a ficha do prendedor e conferiu o telefone.

A diferença

Lídia levou o liquidificador numa sacola do mercado e pediu que não a jogassem fora. A sacola era mais resistente que as novas. Anselmo pendurou-a num gancho, por cima de outras que os clientes tinham feito a mesma recomendação.

— Se passar de sessenta, não mexe — ela disse.

Ele anotou o limite. Era uma instrução clara, das que gostava de receber. Lídia apontou para o número.

— Sessenta com tudo.

— Com tudo.

Ela tinha um balcão de sucos dentro de uma lanchonete. O aparelho era de casa, levado para o trabalho quando o outro quebrara. Agora os dois estavam fora de uso. Vendia café e refrigerante, enquanto a placa de sucos naturais continuava prometendo um cardápio maior.

Anselmo perguntou havia quanto tempo o liquidificador fazia aquele barulho.

— Até ontem eu podia fazer de conta que era normal.

Ele sorriu. Lídia não. Estava calculando quanto demoraria para voltar a pé e abrir antes da saída da escola.

O orçamento ficou em quarenta e oito. Irene telefonou e recebeu autorização imediata. Lídia quis saber se poderia buscar na manhã seguinte. Anselmo, que ouvira a pergunta, fez um gesto afirmativo sem largar o aparelho em que trabalhava.

Na quarta, Lídia chegou às oito e vinte. A oficina abria às oito, mas o teste ainda não fora feito. Esperou em pé, embora Irene oferecesse a cadeira junto à parede. Sentar lhe pareceu aceitar uma duração desconhecida.

Davi colocou água no copo e ligou o aparelho. O barulho diminuiu bastante. Anselmo veio da bancada, enxugando as mãos, e explicou o serviço. Usava o tom paciente que reservava a pessoas que julgava incapazes de se interessar pela explicação completa.

Lídia ouviu até o fim.

— Mas está vazando.

Havia uma linha de água sob o copo. Anselmo desligou o aparelho e disse que aquilo era outra coisa.

— É do mesmo liquidificador — ela respondeu.

O reparo do encaixe acrescentaria dezoito reais. Ele fez a conta em voz alta: sessenta e seis. A proximidade dos números lhe pareceu tornar a diferença quase inexistente.

— São só seis acima do que a senhora falou.

Lídia abriu a carteira. Separou duas notas de vinte, uma de dez e algumas moedas. Tornou a juntar tudo.

— Eu falei sessenta.

— Mas o outro defeito não dava para perceber antes de pôr para funcionar.

Ela olhou para a água. Davi buscou um pano e secou a bancada, apagando a única coisa sobre a qual os dois concordavam.

Anselmo ofereceu deixar os seis para a semana seguinte. Lídia disse que não queria dever. Ele respondeu que confiava nela. A conversa adquiria uma intimidade que ela não solicitara.

— Não é confiança. É orçamento.

Irene fechou a gaveta do caixa com o joelho. Não interveio. Anselmo percebeu sua atenção e passou a explicar com mais detalhes, como se uma explicação suficientemente longa pudesse reduzir o preço.

Lídia contou que vira um aparelho novo por oitenta e nove, dividido em três pagamentos. Anselmo conhecia aquele modelo

e começou a enumerar os motivos pelos quais não o recomendava. Ela interrompeu no segundo.

— Não estou pedindo para escolher por mim.

Ficou um silêncio cheio dos aparelhos dos outros. O rádio da oficina anunciava a hora certa; o da cozinha de Mauro continuava aberto numa ponta da bancada.

Irene puxou a ordem de serviço. O limite estava anotado na primeira linha, com tudo entre parênteses. Entregou o papel a Anselmo, embora ele não tivesse esquecido.

Ele poderia manter o preço e perder o serviço, absorver parte do custo ou propor outro acordo. Preferiu dizer que faria uma gentileza.

— Deixa por sessenta.

Lídia aceitou o valor, mas não a palavra. Guardou a carteira e disse que voltaria depois do almoço. Não tinha ali os sessenta inteiros.

Quando saiu, Anselmo comentou que havia gente difícil de ajudar.

Irene devolveu a ficha ao balcão.

— Você está vendendo um conserto.

O serviço ficou pronto às onze. Davi repetiu o teste, deixou o copo cheio durante algum tempo e passou a mão por baixo para conferir. Anselmo observou sem dizer nada. Na ficha, escreveu sessenta e fez um risco sob o total.

Lídia voltou com dinheiro contado. Trouxe também um pão embrulhado, comprado para comer no caminho, e apoiou-o longe da bancada molhada. Pediu para ver o aparelho funcionando. Davi fez o teste outra vez. Dessa vez, ninguém pareceu ofendido.

Ela quis pagar dezoito naquele dia e quarenta e dois na sexta. Anselmo ia lembrar que ela própria não gostava de dever. Irene perguntou apenas se podia registrar as duas datas.

— Pode — Lídia disse. — Hoje eu consigo desse jeito.

Ao sair, pediu a sacola. Anselmo pegou uma no gancho. Não era a dela. Lídia apontou a correta, dobrada atrás de uma caixa, e agradeceu quando ele a entregou.

Na lanchonete, colocou o aparelho no lugar, preparou um suco para testar e lavou o copo. Depois trocou uma lâmpada sobre o balcão que piscava havia dias. Os seis reais que não gastara completavam o valor da lâmpada. Não telefonou para explicar isso à oficina.

Em nome da casa

O ventilador tinha chegado no mês anterior, trazido por dois homens da associação do bairro. Pediram um conserto barato para a sala de aulas. Anselmo ofereceu fazer de graça e descobriu, pela satisfação dos homens, que havia tomado uma decisão generosa.

Depois ficou sem tempo.

O aparelho passou da bancada para o chão, do chão para uma cadeira e da cadeira para o alto de um armário, porque era preciso sentar uma cliente. Irene telefonou duas vezes para dizer que ainda não estava pronto. Em ambas, o homem da associação pediu desculpas por cobrar um favor.

Na quarta-feira, Davi procurava um lugar para guardar uma caixa quando viu o ventilador. Desceu-o, limpou a poeira das mãos e perguntou se podia examinar.

— Pode. Mas não vai inventar defeito que não tem.

A recomendação era abrangente. Davi a recebeu como autorização.

Passou a manhã entre o ventilador e as tarefas que apareciam: descarregar uma entrega, buscar troco, segurar um aparelho enquanto Anselmo soltava uma peça. Às duas, ainda não almoçara. Irene dividiu com ele um pacote de bolachas. Não chamou aquilo de almoço.

O problema era mais simples do que o acúmulo de adiamentos sugeria. Davi encontrou uma ligação interrompida, refez o trecho sob a orientação de Anselmo e conferiu a montagem com ele. Depois deixou o ventilador funcionando perto do balcão. Irene afastou os recibos para não voarem.

— Pode avisar — disse o rapaz.

Ela telefonou à associação. O homem viria buscar no fim da tarde, acompanhado de uma professora. Era o tipo de notícia que permitia limpar um espaço de verdade.

Anselmo chegou à frente da oficina quando os dois já estavam vendo o teste. O homem apertou sua mão.

— Salvou a nossa sala.

Anselmo começou a dizer que não era nada. A professora tirou da bolsa uma folha com os nomes de quem ajudara a organizar as aulas. Queria confirmar como se escrevia o nome da oficina. Eles fariam um agradecimento no mural.

Irene disse o nome, devagar. A mulher anotou.

— E o senhor é Anselmo, certo?

Ele confirmou. Davi recolhia os parafusos que haviam sobrado de outro serviço. Havia aprendido a não ficar parado ao lado do patrão durante uma conversa com clientes.

— Esse aqui foi o Davi que fez — Anselmo acrescentou.

Falou num tom leve, quase uma demonstração de que sabia reconhecer os outros. A professora se virou imediatamente.

— Você escreve para mim?

Entregou a folha e a caneta ao rapaz. Davi escreveu o nome completo. A caneta falhou na última letra, e ele repassou o traço com cuidado. Devolveu a folha antes que Anselmo pudesse dizer que bastava o primeiro nome.

Os visitantes foram embora levando o ventilador, sem prometer que retornariam algum dia com serviços pagos. Anselmo ficou satisfeito mesmo assim. Pensou que aquele trabalho ensinara alguma coisa ao ajudante.

— Viu? É bom participar.

Davi concordou.

— A gente podia conversar do meu pagamento?

A mudança de assunto pareceu brusca a Anselmo, que ainda estava no mural. Perguntou o que tinha uma coisa a ver com a outra.

— Nada — Davi disse. — Eu já ia perguntar.

Não era inteiramente verdade. Havia tentado perguntar na segunda, mas o rádio de Mauro ocupara a conversa. Na terça, Anselmo estava irritado com uma cobrança. O ventilador lhe dera uma ocasião em que seu trabalho estava visível, e ele não quis perdê-la.

O combinado inicial fora de meio período. Fazia quase dois meses que ficava até o fechamento em três dias da semana. Algumas tardes eram pagas por fora, outras desapareciam dentro de frases como hoje foi corrido e depois a gente acerta. Davi guardava as datas num caderno escolar.

Anselmo disse que também lhe ensinava uma profissão.

O rapaz abriu a mochila, tirou o caderno e o pôs no balcão. Não respondeu à frase. Irene, que estava somando o caixa, parou de bater na calculadora.

As datas ocupavam uma página. Ao lado de algumas havia valores; ao lado de outras, riscos. Anselmo perguntou o que significavam os riscos. Eram tardes ainda não pagas.

— Mas nessa você saiu mais cedo.

— Saí às cinco e meia. Eu entrava à uma.

Conferiram uma por uma. A professora já devia estar longe com o ventilador quando chegaram ao total. Anselmo reconheceu duas tardes imediatamente, contestou uma e lembrou de um adiantamento que Davi não anotara. O rapaz procurou no verso da página e encontrou. Diminuíram o valor.

Acertaram uma parte naquele dia e marcaram a sexta para o restante. Quanto ao horário fixo, Anselmo pediu até sábado para fazer as contas. Davi escreveu sábado numa página nova.

Irene procurou a ficha do ventilador e anotou “retirado”. No espaço reservado ao responsável pelo serviço, escreveu Davi, depois acrescentou “conferência: Anselmo”. A letra cabia apertada, mas cabia.

Ao fechar, Anselmo percebeu que o balcão estava abafado. Procurou o ventilador por um instante, antes de lembrar que finalmente o tinham entregue.

O aparelho de reserva

Celeste não queria um ferro novo. Queria o dela funcionando antes das quatro. Havia seis camisas para entregar e um vestido que a cliente trouxera numa sacola pequena demais. O vestido não precisava de conserto; precisava deixar de parecer que fora transportado dentro de um pão.

Anselmo examinou o ferro por fora e pediu que ela o deixasse. Era quinta-feira. Podia olhar depois do almoço, mas não prometia terminar naquele dia.

— Eu preciso trabalhar — Celeste disse.

Ele fez um gesto em direção à bancada. Também precisava. Os aparelhos espalhados pareciam comprovar isso melhor do que uma resposta.

Irene perguntou se não podiam emprestar o ferro de reserva. Ficava numa caixa embaixo do balcão. Anselmo o usava para testes e, de vez em quando, para tirar a marca de dobra da própria camisa antes de uma reunião na escola do filho.

— Esse é meu — ele disse.

— Eu sei.

Celeste começou a recuar. Já havia atravessado o bairro duas vezes naquela manhã, primeiro até a casa da irmã, que não estava, depois até a oficina. Não queria acrescentar a isso o constrangimento de ouvir uma discussão sobre emprestar-lhe alguma coisa.

Anselmo pegou a caixa. Conferiu o cabo, ligou o ferro e esperou. Celeste olhava o relógio. O teste pareceu a ela mais comprido do que precisava; a ele, mais curto do que deveria.

— Amanhã você traz de volta.

— Se o meu estiver pronto.

Foi a primeira dificuldade.

Anselmo precisava do ferro no sábado de manhã. Tinha separado uma camisa para uma apresentação do filho, e não gostava da maneira como a lavanderia deixava o colarinho. Irene, que sabia passar roupa, não se ofereceu. Celeste, que sabia melhor, tampouco. Ele explicou apenas que precisaria dele.

Acertaram a devolução para sexta no fim do dia. Irene escreveu o empréstimo numa ficha e pediu que Celeste assinasse. Anselmo disse que não havia necessidade, conhecia a cliente.

— É para a gente lembrar — Irene respondeu.

Celeste leu o papel antes de assinar. Ficou mais tranquila quando viu a data. Um favor com hora de terminar se parecia um pouco com um acordo.

Naquela tarde, Anselmo abriu o ferro dela. O reparo era possível, mas dependia de uma peça que ele não tinha. Ligou para duas lojas. A primeira não trabalhava com o modelo. Na segunda, pediram que levasse a peça antiga para comparação.

Pousou-a junto da ficha e começou outro serviço. Ir até a loja consumiria quase uma hora. Davi estava fazendo entregas. Quando voltou, faltava pouco para fechar. O rádio de Mauro ainda aguardava encomenda, Lídia pagaria no dia seguinte e havia um aparelho de som que ocupava a bancada desde terça. O ferro de Celeste ficou para sexta.

Às três e meia da sexta, Celeste telefonou.

— O meu ficou pronto?

Irene consultou Anselmo. Ele pediu mais uma hora. A peça de comparação estava exatamente onde a deixara.

— Você foi buscar? — Irene perguntou, depois de desligar.

Ele disse que não conseguira sair. Ela olhou para Davi, que desmontava uma embalagem.

— Ele podia ter ido.

— Eu precisava conferir pessoalmente.

Irene não conhecia o bastante do reparo para contestar. Conhecia o bastante de Anselmo para não considerar a explicação encerrada.

Celeste apareceu às cinco com o ferro emprestado. Trazia-o limpo, com o cabo dobrado sem apertar. A caixa estava um pouco úmida num canto, porque começara a garoar.

Anselmo recebeu o aparelho e agradeceu. Só depois contou que o dela ficaria para a semana seguinte.

— Tenho roupa para amanhã cedo.

Ele olhou para a caixa que acabara de recuperar. A solução estava tão perto que precisava encontrar um motivo para não vê-la.

— O combinado era hoje.

— Para devolver esse, sim.

Celeste não ergueu a voz. Perguntou quanto devia pelo exame do ferro. Anselmo disse que nada, ainda não tinha concluído. Ela pediu que o fechasse e devolvesse. Tentaria em outro lugar.

Ele se ofendeu com a pressa dela por alguns segundos. Depois precisou buscar uma chave para atender ao pedido. Enquanto recolocava a tampa, ouviu Celeste perguntar a Irene onde havia outra oficina aberta no sábado. Irene soube informar.

Anselmo terminou a montagem e pôs os dois ferros no balcão.

— Pode ficar com o meu até segunda.

Celeste perguntou se ele não precisava. A necessidade não havia desaparecido. Anselmo disse que daria um jeito na camisa.

— Eu passo para você — ela ofereceu. — É meu serviço. Você paga junto quando eu vier.

Ele quase respondeu que não precisava pagar, que era uma troca. A maneira como ela esperou impediu o atalho. Foram buscar a camisa na sala dos fundos e combinaram o preço.

Celeste saiu com o ferro emprestado e a camisa num cabide. O ferro dela continuou na oficina, agora com uma saída de Anselmo marcada para segunda cedo.

No sábado, Davi recebeu a camisa passada e entregou o dinheiro separado no envelope. Celeste lhe pediu um recibo do pagamento. Ele fez um numa folha simples. No campo do serviço, escreveu “uma camisa”, e ela conferiu como conferira o empréstimo.

A prateleira de cima

Ernesto reconheceu o aparelho de som pela mancha branca na lateral. Estava no alto do armário, atrás de um ventilador menor e de uma caixa vazia. Não gostou da altura. Um objeto colocado tão longe da mão parecia ter sido desistido pelos outros.

— Esse aí é meu.

Irene perguntou o nome e procurou a ficha. Levou algum tempo. O aparelho dera entrada onze meses antes, quando ela ainda organizava as ordens por tipo de serviço. Depois passara a organizar por data. Durante algumas semanas, existiram dois modos de perder um papel.

Encontrou-o na pasta antiga. O orçamento fora recusado. Havia três anotações de telefonemas e uma quarta, sem data, em que estava escrito “vai buscar”.

— Vim buscar — Ernesto disse.

Não havia acusação na voz de Irene, mas ele sentira uma assim mesmo.

Davi trouxe a escada. Desceu o aparelho com cuidado e limpou a tampa. Ernesto passou o dedo pela mancha, como se quisesse confirmar que não fora acrescentada ali. A mancha já constava da observação de entrada.

— Minha mulher quer dar para o sobrinho.

— Ele continua com o defeito — Irene avisou.

Ernesto sabia. O sobrinho gostava de mexer nessas coisas. Perguntou pelas caixas de som. Não estavam na oficina; ele trouxera apenas a parte central. Irene mostrou a descrição na ficha.

Ele leu devagar. Em casa, dissera que estava tudo na oficina. A informação não lhe parecera falsa quando a dissera. Havia caixas demais no quarto que agora seria usado pela neta.

Anselmo veio cumprimentá-lo. Lembrava do aparelho e do orçamento, mas não do nome do cliente. Perguntou se resolvera fazer o serviço.

— Vim retirar.

Anselmo disse ótimo. Ernesto não gostou daquela satisfação tão imediata.

— Vocês não têm interesse nele? Para aproveitar alguma coisa?

Anselmo olhou o tamanho do aparelho e depois a prateleira. Não precisava. Havia componentes úteis, talvez, mas retirá-los exigia trabalho e o restante continuaria ocupando lugar.

— Hoje, não.

Ernesto telefonou para a mulher da calçada. Descobriu que o sobrinho se mudara havia dois meses. O aparelho de som era uma ideia antiga, mencionada num almoço e promovida, dentro da cabeça dele, a destino certo.

— Então faço o quê?

Ela respondeu alguma coisa que Davi, perto da porta, não ouviu. Ernesto guardou o telefone e voltou ao balcão.

— Deixa aí mais uns dias que eu resolvo.

Irene fechou a pasta.

— A gente precisa desse espaço.

Ele olhou para o lugar vazio no alto. Espaço havia. O que não havia era vontade de continuar guardando, pensou, e quase disse isso.

Anselmo sugeriu que levasse o aparelho e procurasse um destino depois. Ernesto explicou que estava sem carro. Viera de ônibus, embora soubesse o que pretendia buscar. Em sua

imaginação, a visita terminaria de algum modo que não incluísse carregar aquele peso até o ponto.

Davi ofereceu embrulhar. Ernesto disse que talvez voltasse com um conhecido no sábado. Irene escreveu a data no papel e deixou a caneta em cima dele.

— Amanhã, até meio-dia.

Ele concordou. O aparelho ficou sob o balcão, num lugar em que seria preciso contorná-lo para chegar ao caixa. Ernesto sentiu certo alívio ao vê-lo fora da prateleira. Continuava ali, mas agora parecia estar em trânsito.

No sábado, chegou às onze e quarenta com a filha. Ela dirigia uma caminhonete pequena e não sabia por que o pai a fizera vir buscar um aparelho que não funcionava. Disse isso enquanto segurava a porta.

— Pode servir para alguém.

— Para quem?

Ernesto não respondeu. Davi ergueu o aparelho para levá-lo ao carro. Ao passar pelo balcão, uma das tampas laterais se soltou. Não caiu; ficou pendurada por um encaixe. O rapaz parou e chamou Anselmo.

O encaixe já estava danificado. Mesmo assim, Anselmo acomodou a tampa e prendeu-a para o transporte. Ernesto acompanhou o gesto com atenção. Havia pago por aquele aparelho quando a filha era pequena. Ela não se lembrava do preço, mas se lembrava de não poder tocar nos botões.

— Nem para escolher a música — disse.

— Você era muito pequena.

— Eu cresci, pai.

Os dois riram, mas não da mesma parte da lembrança.

Na caminhonete, Ernesto segurou o aparelho no colo porque não queria que batesse na carroceria. A filha dirigiu devagar até a

esquina. Perguntou se podiam passar na casa dela para almoçar. Ele disse que sim, desde que antes deixassem aquilo em sua casa.

— No quarto da menina, não — ela avisou.

Ele pensou no corredor, na área de serviço e num espaço ao lado da própria cama. Precisaria escolher. Dessa vez, a filha esperou uma resposta.

Na oficina, Irene varreu o retângulo que o aparelho deixara sob o balcão. Anselmo aproximou uma caixa para ocupar o lugar. Ela segurou a vassoura atravessada por um instante.

— Deixa eu terminar.

Ele esperou. Quando o chão ficou limpo, percebeu que a caixa podia ir para cima do armário.

A retirada

A encomenda do rádio chegou na sexta às quatro e dez, quando Irene já havia telefonado para Mauro dizendo que não viesse. O entregador pediu uma assinatura. Davi assinou depressa e levou o pacote à bancada como se ainda fosse possível recuperar o prazo.

Anselmo abriu o papelão, conferiu a referência e tirou a peça do saco. Era parecida. Parecida o suficiente para explicar o engano e diferente o suficiente para não servir.

Ficou algum tempo virando-a entre os dedos. Davi esperou que encontrasse uma posição correta. Havia posições em que a diferença quase desaparecia.

— Não é essa — Anselmo disse.

Irene pegou a folha em que anotara a referência. Compararam as letras. O pedido estava certo. Anselmo sentiu um alívio imediato, que durou até lembrar que estar certo não fazia o rádio funcionar.

Telefonou para o fornecedor. Explicou, repetiu o número, ouviu alguém consultar outra pessoa. A peça correta não estava disponível. Talvez fosse possível conseguir uma usada. Pediram que ligasse na segunda.

— Segunda de manhã?

Disseram que sim, de manhã.

Ele anotou num papel. Era o que podiam oferecer naquele momento, e o papel pareceu bastante pequeno.

Mauro apareceu às cinco. Irene mostrou surpresa. Ele disse que já havia saído quando ela ligou; Rosa anotara o recado, mas não tinha como encontrá-lo no caminho. Aproveitara para fazer outras coisas no centro.

— Está bem — disse, antes de ouvir a explicação.

Anselmo começou pelo fornecedor. Mostrou o pacote, a referência, a peça errada. Mauro ouviu de pé, com uma sacola de compras na mão. Davi procurou uma cadeira e encontrou a que antes servira de apoio ao ventilador da associação.

— O senhor quer sentar?

Mauro sentou. A explicação adquiriu, com isso, condições para durar mais.

Anselmo contou que o pedido fora feito na segunda e despachado na quarta. Irene observou que a confirmação só chegara na quinta. Ele concordou e continuou. Terminou dizendo que não dependia deles.

Mauro acomodou a sacola entre os pés.

— E agora?

Era a parte que Anselmo ainda não tinha organizado. Poderiam esperar outra peça, procurar um aparelho do mesmo modelo para aproveitamento ou devolver o rádio. Cada alternativa exigia tempo ou dinheiro que ninguém ali podia garantir.

— Dá para ligar do jeito que está? — Mauro perguntou.

Anselmo disse que não entregaria um serviço improvisado como se fosse reparo concluído. A resposta lhe saiu firme. Mauro pareceu cansado.

— Eu perguntei se dava, não pedi para fazer escondido.

Anselmo voltou a sentar na banqueta. Explicou de outro modo: o problema continuava, a peça não servira, não tinha um prazo novo. Desta vez, não mostrou o pacote.

Mauro perguntou se precisava pagar alguma coisa para levar o aparelho. Não precisava. O conserto não fora realizado. Ficou combinado que Davi o fecharia e ele voltaria no sábado. Ainda queria pensar se esperava mais.

Quando o cliente saiu, Davi disse que a culpa era sua. Anselmo poderia concordar com grande facilidade. Olhou para Irene, que conferia o dinheiro deixado por Lídia, e percebeu que ela ouvira.

— Eu também falei que dava — respondeu.

Não acrescentou uma lição. Davi pegou as partes do rádio e verificou onde guardara os parafusos.

No sábado, o primeiro cliente foi uma mulher que queria saber quanto tempo levaria para examinar uma torradeira. Davi perguntou a Anselmo antes de responder. Ouviu “no começo da semana” e voltou ao balcão.

— Posso ligar na terça para dizer o que encontramos. Para ficar pronto, ainda não sei.

A mulher preferiu levar a torradeira a outro lugar. Davi a viu sair e ficou com a ficha em branco. A nova maneira de atender não oferecia uma recompensa imediata.

Anselmo abriu o caixa e separou o restante das tardes devidas. Chamou Davi para conferir. Haviam acertado o valor na quarta; agora precisavam decidir os próximos horários. O rapaz queria trabalhar o dia inteiro, com pagamento fixo. Anselmo não conseguia assumir aquilo naquele mês.

Acertaram o retorno ao meio período. Qualquer tarde extra seria combinada antes e anotada. Davi disse que procuraria outro trabalho para as tardes. Anselmo perguntou se não preferia esperar um pouco. O rapaz fechou o caderno.

— Prefiro procurar.

Mauro chegou perto das dez com Rosa. O rádio estava montado, limpo e ainda defeituoso. Davi fez questão de mostrar o envelope com o papel dobrado. Rosa reconheceu sua tentativa e sorriu.

— Eu sabia que não ia durar.

Anselmo ofereceu continuar procurando a peça sem ficar com o aparelho. Se encontrasse, telefonaria com o preço antes de

pedir. Irene anotou essa condição numa ficha nova. Mauro disse que estava bom assim.

Rosa quis saber se havia algum rádio usado à venda. Anselmo mostrou dois. Um tinha botões pequenos demais. O outro custava mais do que pretendiam gastar. Ela não comprou nenhum e não pareceu constrangida. Mauro levou o velho debaixo do braço.

Depois que saíram, Anselmo tentou sintonizar a estação que Mauro mencionara. Encontrou uma conversa sobre o trânsito, depois uma propaganda. Irene pediu que baixasse o volume para atender o telefone.

Mais tarde, Ernesto retirou o aparelho de som com a filha. Celeste entregou a camisa. O chão diante do balcão ficou livre pela primeira vez na semana. Davi terminou de varrer e deixou a pá encostada à porta dos fundos.

Anselmo pegou a camisa passada. Estava boa. Procurou uma marca no colarinho, não encontrou e tornou a cobri-la com o plástico. Irene fechava as pastas, pronta para sair. Ele começou a perguntar onde ela guardara o telefone da loja de peças para o ferro de Celeste.

Ela apontou para a ficha.

O número estava ali, junto do endereço. Anselmo pegou um lápis e escreveu o que precisava levar na segunda. Conferiu a peça antiga, separou-a num saco e pôs o saco ao lado da chave.

Do lado de fora, Davi baixava a porta de aço até a metade. Perguntou se podia fechar.

Anselmo olhou a bancada. Ainda havia trabalho.

— Pode.

Nota de acervo

Tomás Vilar é uma persona literária fictícia criada com ChatGPT, e Enquanto a peça não chega é uma obra produzida a partir dessa persona.

Data na trajetória literária ficcional: 2011.

Criação, materialização e incorporação ao Acervo da Margem 37: 2026.

Esta obra integra a bibliografia pregressa ficcional do autor.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.

Projeto idealizado por Lis & Lev.